

O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

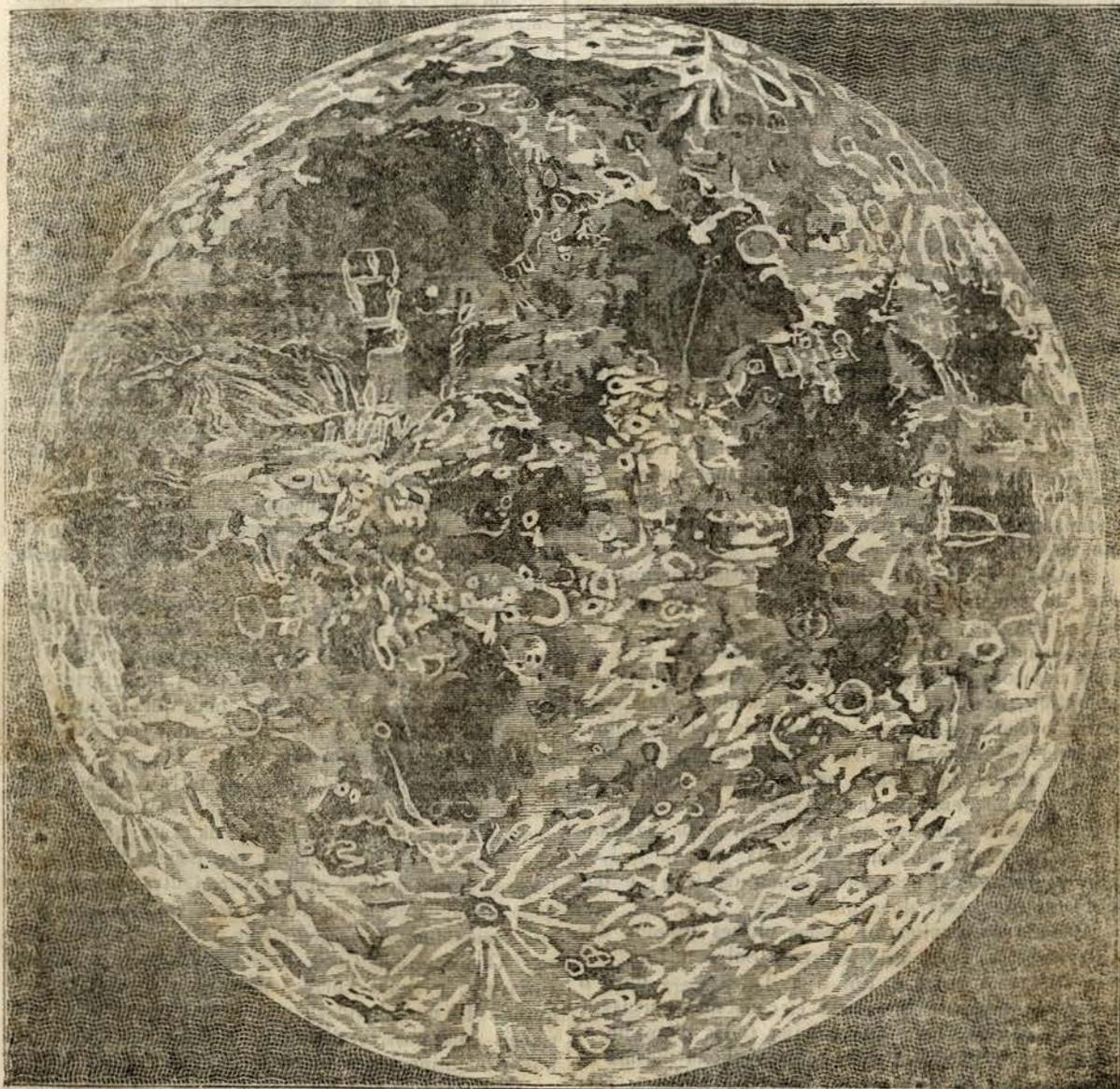
DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 5

1.º D'OUTUBRO.

1838

N



S

VISTA TELESCOPICA DO DISCO DA LUA, ESTANDO CHEIA.

A LUA.

DEPOIS do Sol a Lua é de todos os astros aquelle que mais excita a nossa attenção. O esplendor de sua luz que, tantas noutes no anno, dissipa parcial ou totalmente a escuridão — a sua influencia nas marés e no pezo da atmospherá — a idoneidade de seus movimentos e da variedade de suas phases para fixar épochas e regular usos da vida civil, tem-a tornado, em todos os tempos, e para todos os povos, objecto de summo interesse e admiração. Todos os cultos tem feito depender das circumstan-

cias de sua revolução o estabelecimento de certas festas religiosas; o navegante aproveita-se do seu soccorro para determinar sua posição no vasto deserto dos mares; o agricultor adianta e regula seus trabalhos sob sua benefica luz; e talvez todos, ultrapassando o conhecimento de suas verdadeiras influencias sobre a economia da natureza, tem-lhe attribuido poderes que não existem senão na imaginação e na credulidade.

A Lua apresenta-nos um diametro quasi igual ao do Sol, mas não obstante isso e o clarão de luz que nos envia, é ella um astro dos mais pequenos

entre aquelles que formão o systema e reunião de corpos celestes a que pertence a nossa Terra. Seu verdadeiro diametro, 782 leguas, (*) não é senão um pouco mais do que a quarta parte daquelle do Globo Terrestre; seu volume é 49 vezes menor que o da terra; a sua densidade está para a da terra como 68 para 100, e sua massa é 70 vezes menor que a do nosso globo.

A Lua é denominada Satellite da Terra, porque gira á roda desta; sua orbita é proxivamente elliptica (oval); sua figura é, como a da terra, proxivamente espherica; e, como a terra, é a lua um corpo opaco, que nos reflecte uma luz que não é propria sua, e é lhe communicada pelo Sol, o gran de centro de luz e movimento, á roda do qual gira a mesma Terra, levando em sua companhia a Lua.

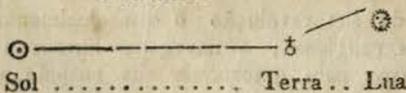
A distancia média da Lua á Terra é de 86,351 leguas. A insignificancia dos volumes da Lua e da Terra, comparados com o do Sol, é singularmente evidenciada pelo facto seguinte. Se o centro do Sol estivesse collocado no centro da Terra, o enorme volume do primeiro abrangeria toda a Terra, toda a orbita em que a Lua gira á roda da Terra, e, todo o volume da Lua! E podéra abranger ainda quasi outro tanto espaço!

A Lua, como dissemos, gira á roda da Terra, e gasta a decorrer sua orbita, 27 dias, 7 horas, e 43 minutos; neste mesmo tempo dá a Lua uma volta sobre seu proprio eixo. O tempo porem que a Lua gasta em voltar á sua mesma posição em relação ao Sol é de 29 dias, 12 horas, e 44 minutos. A este periodo se chama mez lunar, ou *lunação*. O plano em que gira a Lua é um pouco inclinado áquelle em que a Terra revolve em torno do Sol.

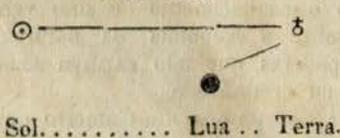
As phases da Lua dependem destas circumstancias do seu movimento, em relação ao Sol que lhe envia sua luz, e á Terra que a recebe por reflexo. Quando a Terra está entre o Sol e a Lua vemos nós toda a metade da Lua que é illuminada pelo Sol, e temos *Lua-cheia*; quando a Lua está entre o Sol e a Terra, a parte da Lua illuminada pelo Sol é nos invisivel por estar virada para o Sol, e temos *Lua-nova*; nos 2 quartos, *crescente* e *minguante*, em que a Lua se acha em posições intermediarias áquellas que apontámos, os habitantes da terra não podem vêr aquella metade da Lua que é illuminada pelo Sol, senão de lado, e daqui resultão essas duas phases.

Quando na explicação destas phases usamos das palavras "a Terra está entre o Sol e a Lua" — "a Lua está entre o Sol e a Terra" — deve o leitor ter presente que, nas circumstancias usuaes, estes 3 corpos, bem que estejam todos n'uma mesma direcção não tem seus centros n'uma mesma linha, porque se os tivessem haverião *eclipses*. Nas luas-cheias e luas-novas usuaes são as posições relativas destes corpos representadas nos diagrammas seguintes.

Lua-cheia.

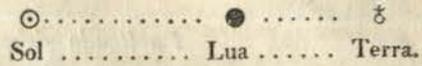


Lua-nova.

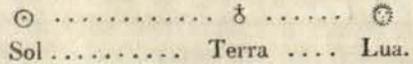


E nos eclipses da fôrma seguinte:

Eclipse do Sol.



Eclipse da Lua.



Com effeito, nos eclipses do Sol, a Lua ficando entre elle a Terra, deixa cahir sua sombra sobre a terra, e desta sorte nos occulta o Sol; e é claro que não pôde haver eclipse do Sol senão nas Luas-novas. Nos eclipses da Lua, a sombra da Terra cahe sobre a Lua, e por tanto occulta-nos uma porção do seu disco illuminado; é tambem evidente que não podem haver eclipses da Lua senão nas Luas-cheias. Os eclipses são *totais* (*) quando os centros dos 3 astros se achão effectivamente na mesma linha; e são *parciaes* quando estes centros estão sómente proximos a ella.

De que a Lua gira á roda do seu eixo no mesmo periodo em que ella gira á roda da Terra, resulta que ella sempre nos mostra uma mesma face. As consequencias deste movimento são mais singulares para a Lua do que para nós; porque daqui se segue que cada lugar da Lua tem um dia e uma noite de quasi 15 dias dos nossos. Uma metade da Lua nunca vê a nossa Terra, e a outra metade constantemente a vê durante sua longa noite. Esta ultima metade goza sempre de luz; durante 15 dias tem a luz do Sol, e durante outros 15 aquella que a terra lhe reflecte.

Aos habitantes da Lua (se os houvessem) offercêra a Terra as mesmas phases que aquella offerce a nós; mas a luz que a Terra recebe do Sol, e reflecte para a Lua, é treze vezes mais forte que aquella que nos envia a Lua, pois que o disco da terra visto da Lua é 13 vezes maior do que nos parece a Lua. Tão forte é esta luz que, sendo ella de novo reflectida para a terra, somos por meio della habilitados a vêr na Lua-nova e nos quartos uma porção do disco da Lua que o Sol não illumina — phenomeno que poucos dos nossos leitores terão deixado d'observar. Outra particularidade da apparencia da Terra vista da Lua deve ser *sua immobildade no ceu*, sem nascimento ou occaso. O disco da Terra deve-lhe offerecer manchas variaveis, e zonas correspondentes a nossos ventos geraes. E' mui duvidoso que nestas apparencias variaveis seja possivel distinguir signaes dos limites de nossos continentes e mares.

A Lua vista a olho nu nos apresenta um grande numero de manchas, que o telescopio tem indicado serem valles ou cavidades, em quanto que os pontos mais luminosos são porções elevadas de sua superficie. Esta desigualdade da superficie da Lua é mathematicamente demonstrada. Se na Lua houvessem montes deverião estes em umas occasiões apresentarem sombras, e em outras serem os primeiros pontos em receber a luz do Sol; e são estas circumstancias que a observação tem confirmadas, tendo-se chegado a medir as alturas dos mon-

(*) Quando nos eclipses do Sol que aliás serião *totais*, o disco da Lua não é sufficientemente grande para nos occultar todo o Sol, o eclipse é *central*, e *annular*, porque á roda do disco eclipsado se vê um anel de luz proveniente daquelle porção do disco do Sol que a Lua não pôde encobrir-nos.

(*) Faremos uso neste artigo da legua de 25 ao grão.

tes principaes da Lua pela relação sabida entre a sombra e o objecto que a projecta. No calculo destas alturas houve, com tudo, muita exaggeração: os trabalhos de Herschell, (páe) tem demonstrado que as mais elevadas montanhas da Lua não excedem em altura perpendicular $\frac{3}{4}$ de legua.

As montanhas da Lua offerecem um aspecto mui notavel; ellas são extraordinariamente numerosas, occupão a maior parte de sua superficie, e são quasi todas uniformes em apresentar uma fôrma ou circular, ou proximamente circular. A maior parte terminão em bases interiormente planas, do centro das quaes se elevão umas pequenas eminencias, escarpadas e conicas. Todas ellas apresentam no mais alto gráo o character volcanico, e Herschell julgou observar algumas em actual ignição, lançando chammas, e fumo. Nada indica na Lua a existencia de mares.

A Lua não tem nuvens, nem outras indicações de atmosphaera tal como a nossa. Daqui se segue que seu clima deve ser extraordinario; alternando um calor ardente mais excessivo do que aquelle que ao meio dia se soffre debaixo do Equador, e continuado por 15 dias nossos, com um frio da mesma duração e mais rigoroso que aquelle dos nossos invernos polares. Mas talvez hajão circumstancias que temperem tão disparatados climas, e pôde mui bem ser que a evaporação constante n'um lado, e a condensação no outro, produza esse resultado.

Não obstante a perfeição dos nossos telescopios, que augmentando o disco da Lua 1000 vezes nella apresentação como se estivesse distante de nós sómente 86 leguas, é impossivel que nella possamos descobrir signaes de ser habitada, como edificios ou movimentos do seu solo. Nada tambem indica vegetação, ou effeitos de mudança de estações; e em todo o caso a constituição phisica da Lua, como temos visto, exclue toda a idéa de habitantes de fôrma analoga áquella dos habitantes da terra. Tudo quanto a este respeito se tem escripto são conjecturas, e, ás vezes, loucuras.

A influencia da Lua sobre nossa atmosphaera — sua conexão com os *aerolithes*, ou pedras que cahem do ar, poderão fornecer-nos ampla materia para extender este artigo, que já vae excedendo os limites que nos tinhamos proposto, e obriga-nos a reservar estes assumptos para um futuro N.º. No que temos escripto sacrificámos, em muitos pontos a exactidão mathematica á necessidade de nos tornarmos intelligiveis á generalidade de nossos leitores, e á concisão que exigem publicações da natureza do MUSEU PORTUENSE.

HISTORIA DE PORTUGAL.

DOM JOSÉ 1.º — ADMINISTRAÇÃO DO MARQUEZ DE POMBAL.

SE é certo que os homens grandes fazem a força, e a gloria d'uma nação, é de justiça dizer que Sebastião José de Carvalho, depois Marquez de Pombal, deve figurar na primeira classe na lista dessas illustres influencias individuaes, que tem dominado, renovado, fundado, ou sustentado os estados. Armado d'um poder immenso que devia á confiança absoluta de seu amo, caminhou, quebrando todos os obstaculos, ao seu fim, que era a regeneração do velho Portugal; e medico sem piedade desta Monarquia tão enferma, tantas feridas irritaveis tocou, e tantas chagas inveteradas cicatrizou, que era impossivel deixar d'excitar gritos

de dôr, e conspirações de vingança. Por isso poucos ministros forão tão diversamente julgados. Escutae uns, elle só exercitou seu vasto poder nos limites traçados pelo amor o mais puro do bem publico: e se foi inexoravel destruidor de abusos, se sacrificou particulares, e corporações inteiras, foi em proveito de vistas as mais justas, ou de designios os mais generosos: mas ouvi outros, nunca scelerado poderoso encobriu com as sombras do silencio, arrancado pelo temor, mais crimes, mais excessos, productos d'uma ambição desmarcada, e d'um cioso despotismo.

Todavia os bons espiritos não hesitarão muito entre dous retratos tão oppostos. O Marquez de Pombal foi inimigo dos Jesuitas; foi o Hercules que aterrou aquella hydra de cem cabeças; porque não contente de os expulsar de Portugal, e de os proscreever dos paizes do dominio Portuguez, teve ainda o credito de promover a sua expulsão de todos os Estados da Europa. Daqui essa torrente de odio, e calumnia, que parece haver submergido sua memoria. Os Jesuitas brilhãrão sempre em destruir a reputação de seus adversarios. Mas um grande homem d'estado é o objecto de controversias tão duradouras e serias, que não consentem que o erro a seu respeito seja eterno, e quando a posteridade uma vez o encontrou, a verdade apparece. A calumnia é como o veneno que só mata os fracos; os temperamentos extraordinarios resistem a tudo.

Carvalho era de origem nobre; antes de merecer a confiança de D. José 1.º, tinha exercido as funcções de Secretario de Embaixada na legação Portugueza em Londres; depois tinha sido Enviado em Vienna, e encarregado de restabelecer a harmonia entre a Côte Imperial, e a Santa Sé, missão que ultimou com successo.

¿ Tinha elle aprendido entre os Inglezes ou entre os Allemães esses habitos diplomaticos tão estimados e que consistem em occultar todos os designios laboriosos do espirito, e mesmo todos os tumultos da alma debaixo das apparencias da mais fleugmatica impassibilidade? Não: Sebastião José de Carvalho devia tudo á natureza do meiodia, dotado de um ardor serio, e de uma imaginação reconcentrada, avarento de communicações, isempto de paixões, e das fraquezas que aviltão, dominava os outros, porque era senhor de si. Nenhum mortal jámais lhe arrancou seu segredo. Em uma Côte frivola, e corrompida, entre grandes excessivamente vaidosos de seu alto nascimento, mas desenfreadamente zelosos de toda a superioridade moral, elle parecia um daquelles heroes da mythologia grega, que se apresentavão nos combates cobertos inteiramente de um aço brilhante, e de tempera superior, que a espada inimiga não podia trespassar.

D. José subindo ao throno em 1750 encontrou a côrte cheia de partidos, de cabalas, e intrigas. Uma nobreza arrogante, e altiva, despertava as lembranças d'um feudalismo redusido a pó, e pretendia levantar o pezo de tres seculos, dormindo sobre seus quebrados escudos. De outro lado se agitava uma Sociedade religiosa, rica, e poderosa, fecunda em intrigas, e ávida de poder.

Uns, e outros, os nobres, e os Jesuitas, tinhão adquirido á custa da corôa vastos principados nos paizes trans-atlanticos. Um grande numero de fidalgos Portuguezes possuião na Africa, e na America regiões immensas, a pretexto de serviços que elles ou seus antepassados havião feito ao Estado. Havia simples fidalgos que gosavão em toda a pro-

priedade, de domínios maiores do que são os reinos da Escóssia ou de Sardenha na Europa. Por exemplo, o Conde da Ribeira, reinava na ilha de S. Miguel, uma dos Açores.

El-Rei por conselho, e medidas de seu ministro, entrou em seus direitos. Os proprietários desapossados forão indemnizados com pensões, e títulos, o que não os impediu de se considerarem victimas da mais avára tyrannia.

Os Jesuitas erão mais firmes, e foi muito mais difficil arrancar-lhes sua conquista; pôde mesmo dizer-se que a sua dominação no Paraguai jámais foi completamente aniquilada por Pombal. Esta região, o Paraguai, que ao principio estava comprehendida no paiz do dominio Hespanhol, tinha sido obtida em troca pela colonia do Sacramento, nos ultimos annos do reinado de D. João 5.º. Havia-se acreditado, segundo affirmára um aventureiro, que o Paraguai encerrava minas de ouro de uma infinita riqueza, e a Côrte de Madrid não recasou concluir promptamente este tratado de troca, que a livrava de um paiz que bem sabia ser esteril, e lhe dava um porto, e um terreno precioso. Tinha-se convencido, que os habitantes do Paraguai não deixarião o seu paiz; mas passarião sómente para o dominio Portuguez. Estes barbaros que não tinham outros Senhores mais que os Jesuitas, espantáráo-se de que lhes quizessem dar outros que não conhecião. A Hespanha mesmo só havia tido sobre este paiz uma soberania nominal. Os Jesuitas alli reinavão effectivamente, e a pretendida republica Christã do Paraguai, não é o capitulo menos extraordinario da sua historia. Sejam os justos; o prodigioso affecto das nações Brasileiras para com esses Missionarios, a que chamavão *seus paes*, é prova que deve concorrer para salva-los da censura de usurpação. E' pelo menos certo que nem se estabelecêrão, nem se mantiverão com violencia; e se enganavão estes ignorantes selvagens, pêlo menos só lhes impunhão leis brandas. Quando foi necessario expulsar estes Indios, que não se conseguu subjuar, quatro mil homens de tropas aguerridas não forão sufficientes, contra hordas já disciplinadas, commandadas, e conduzidas ao combate por Jesuitas. Um enthusiasmo singular animava estes homens simples; se não tivessem vencido ter-se-hião deixado degolar até ao ultimo. A fome, e as molestias lhes facilitarão a victoria enfraquecendo o pequeno exercito Portuguez, e Pombal se viu brevemente obrigado a renovar a guerra contra estes tenazes detentores do dominio da corôa.

O irmão do Marquez de Pombal, Francisco Xavier de Carvalho, mandado para alli com o titulo de Governador Geral do Maranhão, reconheceu toda a realidade deste imperio, formado por estes habeis religiosos entre as nações Indias. Viu que os Missionarios do Paraguai erão não Apostolos, mas verdadeiros Principes da terra, tendo vassallos, um gabinete, uma politica, um systema de governo, uma legislação regular, em fim uma organização social completa, mas formada sobre idéas proprias.

O Governador do Maranhão escrevia ao Ministro seu irmão: " Não posso conseguir reprimir estes Padres; sua politica fina, e astuciosa, vence meus cuidados, e a força das tropas. Elles tem dado aos selvagens habitos, e costumes que inviolavelmente os ligão. Tal é a força das maximas que lhes tem gravado no coração, que estes povos estimarião mais morrer que mudar de dominação."

D. José 1.º, convencido pelo seu ministro do

procedimento e do poder dos Jesuitas na America, não achou expediente melhor para abalar este poder, que atacar seu credito na Europa, e despediu da côrte todos os que alli existião, como confesores, directores de consciencia, ou por motivo de qualquer outro emprego. Para justificar esta medida, e preparar a convicção da Europa, Carvalho fez publicar um escripto, que encerrava a narração das intrigas dos Jesuitas em Lisboa, e da sua tenaz resistencia no Paraguai. Elles tambem escrevêrão pela sua parte; se a decisão do processo só devesse apparecer no fim das discussões contradictorias, duraria ainda a contenda. Mas El-Rei foi ferido, e desde então fallando os factos assaz alto, um raio saído da poderosa mão de Pombal, terminou a questão entre o Sacerdocio, e a Realza; a Realza daquela época.

(Continuar-se-ha.)

SEVILHA E A SUA CATHEDRAL.

Quem não viu Sevilha não viu maravilha, é um antigo adagio hespanhol, que dá a conhecer em que idéa se tinha outrora esta cidade no reino visinho. A sua situação sobre o Guadalquivir e n'uma campina deliciosa muito productiva de azeite, contribue grandemente para a sua formosura. Conta perto de cem mil habitantes, e a sua circumferencia, comprehendidos os suburbios, é de quatro leguas e meia. A muralha, obra de Romanos, tem 166 torredões e 15 portas.

Entre o grande numero de edificios que adornão esta cidade é notavel a cathedral que se vê representada na estampa que o leitor tem á vista. Esta obra sumptuosa foi edificada no século XV. Tem a igreja cinco naves, sendo a largura da nave do meio de quarenta e dous pés, e a das outras quatro naves de vinte e quatro. O zimbório, que era d'uma altura maravilhosa na sua construcção, aluiu com a ruina dos tres arcos totaes em 1512.

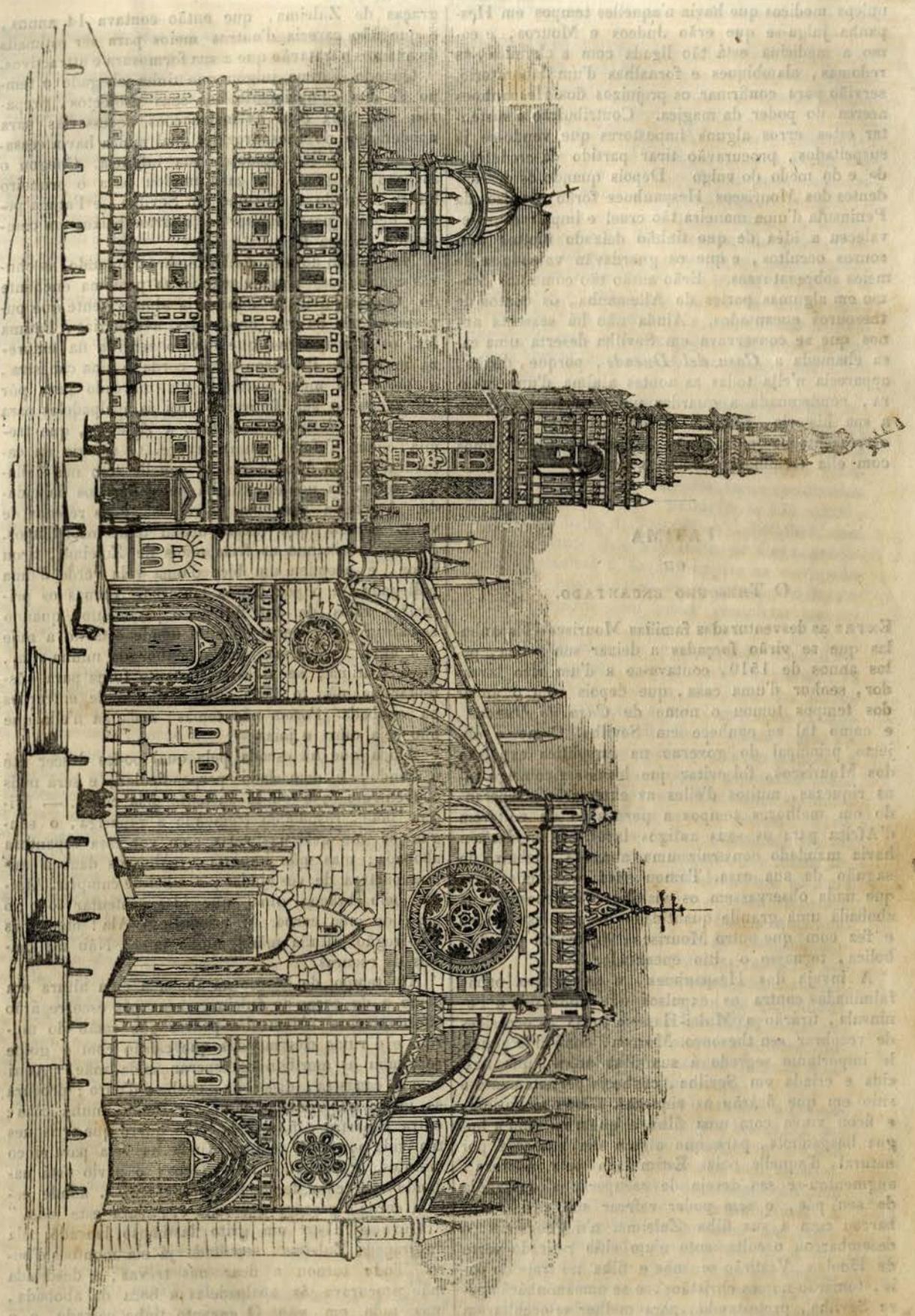
As dimensões interiores da igreja são 462 pés de cumprimento e 290 de largo; porem as dimensões não são o merito principal d'esta igreja; seus ornatos e thesouros inestimaveis a tem tornado uma das cathedraes mais celebres de todo o orbe christão.

Uma peça singular n'esta igreja é o seu órgão. Contem 5300 tubos, muitos d'ells d'uma dimensão extraordinaria; tem 110 registos, e com folles tão grandes, que uma vez cheios podem suprir o vento necessario para tocar o órgão pelo espaço de quinze minutos.

Adiante do Côro está o monumento do celebre Christovão Colombo, chamado *Colon* pelos Hespanhoes; a inscripção sepulcral, que n'elle se lê é a seguinte; A CASTILHA Y ARAGON OTRO MUNDO DIO COLON, inscripção feliz, e que para perpetuar a memoria do heroe diz mais que se tivessem posto outra de vinte ou trinta linhas, como venios em algumas partes, e que poucos ou ninguem tem a paciencia de lêr desde o principio até o fim.

Unida á cathedral está a famosa torre chamada da Giralda, obra do Mouro Gueber, natural de Sevilha, celebre mathematico e aperfeiçoador da Algebra. A sua altura é de 364 pés, e 50 de largura em cada um dos seus quatro lados. Para subir a esta torre não ha degraus, mas sim plaus inclinados tão commodos que por elles podem ir a par dous homens a cavallo. No remate da torre está a celebre figura de bronze chamada vulgarmente *Giralda*. Esta figura representa a Fé, com uma

CATEDRAL DE SEVILLA.



palma na mão direita e um estandarte na esquerda, e apesar das suas grandes dimensões e do peso de 34 quintaes *gira* sobre o seu eixo ao mais leve impulso do vento.

Depois da conquista de Sevilha, destinarão-se para residência dos Mouros que quizerão ficar entre os

vencedores, todas as ruas que estão ao Sudeste de Aleaçar, e em outro bairro moravão os Judeus. Tanto estes como os Mouros são mais instruídos do que os Hespanhoes; occupados então unicamente na guerra: esta superioridade os expoz muitas vezes as suspeitas dos seus ignorantes visinhos. Os

unicos medicos que havia n'aquelles tempos em Hespanha julga-se que erão Judeos e Mouros, e como a medicina está tão ligada com a chymica, as redomas, alambiques e fornalhas d'um laboratorio, servião para confirmar os prejuizos dos Hespanhoes acerca do poder da magica. Contribuirão a sustentar estes erros alguns impostores que vendo-se já suspeitados, procuravão tirar partido da credulidade e do medo do vulgo. Depois quando os descendentes dos Mouriscos Hespanhoes forão expulsos da Peninsula d'uma maneira tão cruel e impolitica, prevaleceu a idéa de que tinhão deixado muitos thesouros occultos, e que os guardavão valendo-se de meios sobrenaturaes. Erão então tão communs, como em algumas partes de Allemanha, os contos de thesouros encantados. Ainda não há sessenta annos que se conservava em Sevilha deserta uma casa chamada a *Casa del Duende*, porque, dizião, apparecia n'ella todas as noutes a alma d'uma moura, condemnada a guardar um thesouro; e como a sua historia, fundada talvez em factos bem que accrescentados pela ficção, é interessante, vamos com ella terminar o presente artigo.

FATIMA

OU

O THESOURO ENCANTADO.

ENTRE as desventuradas familias Mourisco-Hespanholas que se virão forçadas a deixar sua patria, pelos annos de 1510, contava-se a d'um rico lavrador, senhor d'uma casa, que depois com o andar dos tempos tomou o nome de *Casa do Duende*, e como tal se conhece em Sevilha. Como o objecto principal do governo na impolitica expulsão dos Mouriscos, foi evitar que levassem consigo suas riquezas, muitos d'elles as enterrãõ, esperando em melhores tempos a permissão de voltarem d'Africa para os seus antigos lares. Mulei-Hassem havia mandado construir uma abovada, debaixo do saguão da sua casa. Tomou suas precauções para que nada observassem os vizinhos; e depositou na abovada uma grande quantidade de perolas e ouro e fez com que outro Mourisco, dextro na arte diabolica, tornasse o sitio encantado.

A inveja dos Hespanhoes, e as graves penas fulminadas contra os expulsos que voltassem á Peninsula, tirãõ a Mulei-Hassem todas as occasiões de recobrar seu thesouro. Morren, confiando aquelle importante segredo á sua filha unica, que nascida e criada em Sevilha, conhecia perfeitamente o sitio em que ficãõ as riquezas. Casou-se Fátima, e ficou viuva com uma filha a quem ensinou a lingua hespanhola, para que algum dia passasse por natural d'aquelle paiz. Estimulada pela pobreza, augmentou-se seu desejo de recuperar a opulencia do seu pãe, e sem poder refrear sua ansia, embarcou com a sua filha Zuleima, n'um corsario, e desembarcou occultamente n'um sitio retirado perto de Huelva. Vestirãõ-se mãe e filha no traje do paiz, tomãõ nomes christãos, e se emcaminhãõ para Sevilha, pretestando, para melhor se occultarem o cumprimento d'um voto n'um famoso sanctuario perto de Moguer. Muito estenderiamos nossa relação se referissemos as particularidades das diligencias e artificios de que se valerãõ Fátima e Zuleima, para se introduzirem na casa em que tinhão postas todas as suas esperanças. Basta dizer que entrãõ n'ella como criadas de servir, soubẽõ ganhar o affecto dos amos, para o qual contribuirão poderosamente as

graças de Zuleima, que então contava 14 annos, e que não carecia d'outros meios para ser estimada de quantos a tratavão que a sua formosura e attractivos.

Quando Fátima julgou que tinha chegado o tempo de dar cumprimento aos seus projectos, preparou sua filha com as instrucções necessarias para apoderar-se do thesouro do qual nunca havia cessado de lhe fallar desde a sua infancia. Chegou o inverno; a gente da casa mudou para o primeiro andar segundo é costume em Sevilha, e Fatima pediu licença para habitar os quartos baixos em companhia da sua filha.

No meiado do mez de Dezembro, quando as chuvas continuadas annunciavão uma proxima enchente do Guadalquivir, e não havia alma vivente que puzesse os pés na rua depois das ave-marias, Fátima fez os preparativos que devião servi-la na empreza meditada. Procurou uma corda e uma canastra, e perto da meia noute do dia marcado para pôr em execução sua feiticeiria, foi ás apaladelas para o saguão, levando pela mão a Zuleima, que tremia como a folha d'uma arvore. O relógio da cathedral dá as doze horas, e aquelle som nas calladas horas da noute retumba pelos ambitos da cidade. A chuva caia em torrentes, e as refegas de vento parecia que fazião abalar todos os edificios. Fátima, deixando as frias mãos de Zuleima, tirou lume, e acendeu um bico d'uma vela verde d'uma pollegada, e o poz n'uma lanterna. Apenas os primeiros raios da luz ferirão o pavimento, quando se abriu este, perto do sitio aonde estavão a mãe e a filha. "Zuleima, unico penhor da minha vida, disse Fátima, se tivesses bastante força para sustentar-me não te daria eu o trabalho de entrardes na abobada. Porem não temas, nada ha n'ella que não seja ouro e joias.

Ainda que ha escada pela qual podes descer até o fundo, é demasiado perpendicular, e será mais conveniente que eu te sustente pela corda. — Minha mãe, respondeu tremendo a rapariga, o sangue se me gela nas veias com ver essa espantosa abobada; mas não importa: tenho-vos dado a minha palavra de vos ajudar, e a hei-de cumprir. Atai-me pelo braço; olhai que ides sustentar todo o pezo do meu corpo. Misericordioso Alá! meus pés escorregãõ. Minha mãe! minha mãe! Não me deixeis ás escuras.

Ao tempo de descer na abobada cuja altura era como a do corpo de Zuleima, seus pés escorregãõ effectivamente n'uma das pedras que saião do muro, e o ruido das moedas que cairão com o golpe reanimou as moribundas esperanças da mãe. "Aqui está a canastra, disse ella, enche-a d'ouro; procura as joias; não movo a lanterna. Bem, minha filha; outra canastra e não mais. Não quero que arrisques tua vida por mais tempo. Ainda ha vela para cinco minutos. Porem... meu Deos! o pavio está nadando em cera derretida. A corda... aonde está a corda? procura a escada... para este lado."

Ouve-se n'isto um grito lastimoso lançado pela desgraçada Zuleima, sepultada já em montoes d'ouro. Tudo tornou a ficar nas trevas; a desditada mãe procurava ás apaladelas a boca da abobada, mas tudo em vão. O encanto tinha cessado, e o pavimento estava outra vez no seu estado primitivo. Fere-o repetidas vezes com o pé, e a sua angustia se redobra quando ouve um echo pavoroso que retumba na concavidade cerrada para sempre. Golpea com força sobre as pedras do solo até que as suas mãos se intumescem. Lança-se quazi moribunda ao chão, e quando por alguns, momentos recobra o sentido ouve na profundidade a voz da sua filha

Minha mãe, minha mãe, não me deixeis ás escuras. Fátima fica por um instante immovel: de repente, abandonada a uma frenética desesperação, deixa cair violentamente a cabeça sobre as pedras, e alli foi encontrada no dia seguinte hurta e inanimada.

Dizem que Fátima apparece em certa noite do mez de Dezembro áquelles que incautamente e sem saber sua historia, paixão pelo saguão encantado. Duas grandes figuras pretas a obrigão, apesar de todos seus esforços, a assentar-se sobre a abobada com uma canastra cheia d'ouro aos pés. Ella procura desembaraçar-se dos seus robustos braços para tapar os ouvidos, a fim de não ouvir as tristes vozes que são incessantemente durante uma hora em aquelle sitio temeroso: *Minha mãe, minha mãe, não me deixeis ás escuras.*

SOBRE A MANUFACTURA DE SEDAS EM INGLATERRA.

A manufactura de sedas não se acha definitivamente arreigada em Inglaterra senão ha 11 ou 12 annos para cá. Todavia fazendas de seda forão fabricadas no paiz desde os tempos de Eduardo 3.^o (1327) e por varias vezes varias forão as medidas legislativas promulgadas em protecção dos fabricantes. Em 1765 foi rigorosamente prohibida a importação de sedas artefactas em outros paizes, e por longo tempo vigorou esta exclusão, por quanto os mutuos benefícios commerciaes expressos no tratado concluido com França em 1786 não abrangêrão o commercio de sedas.

Estas medidas prohibitivas assegurarão a posse legal do mercado interno aos fabricantes nacionaes, que não podião, em consequencia da imperfeição das machinas então usadas, competir com as fazendas superiores dos teares estrangeiros. E' observação invariavel que em fabricas privilegiadas nunca se dá a devida attenção áquella economia nos processos fabrís que sómente pôde collocar o artigo privilegiado ao alcance de maior numero de consumidores; e da disposição referida resultou que fazendas de seda erão julgadas objectos de luxo, do uso privativo das classes elevadas; e ainda mais se aggravou o mal quando desta circumstancia se concluiu que sobre ellas devia carregar o pezo d'impostos. Pesados forão portanto os direitos que se lançarão sobre a seda, crua, ou fiada; e as fazendas fabricadas d'um artigo, cujo preço natural era assim augmentado, continuarão a ficar alem do alcance do povo, donde resultava que os fabricantes erão sujeitos a violentas e consideraveis vicissitudes segundo os caprichos das modas. Por outro lado, aos fabricantes assim legalmente empossados no seguro monopolio do mercado nacional, faltava o estimulo que sómente pôde incitar ao melhoramento; as fazendas não progressavão em qualidade; e maiores erão as tentações que se offerecião ao contrabandista para importar as superiores, bem que prohibidas, fazendas do estrangeiro.

Desde a data da prohibição das importações estrangeiras em 1765, até ao anno de 1824, o commercio de sedas offereceu em Inglaterra uma continuada alternação de prosperidade e miseria: não se pôde, com tudo, negar que no geral prevalecesse a primeira, se se attentar ao continuo incremento dos productos em cada anno successivo. Mas em 1824 alterou-se totalmente o systema até ahi seguido. Os elevados direitos que pagávão a seda, crua, e fiada, forão diminuidos; a primeira de 800 réis por arratel passou a pagar 50 réis; a se-

gunda de 2,940 réis foi carregada sómente de 1,500 réis. E ainda esta diminuição foi julgada insufficiente; subsequentes providencias determinarão que a seda crua pagasse sómente 16 réis em arratel, e a seda em fio 700 réis. Alem disto determinão os regulamentos das Alfandegas que se fação restituição dos direitos sobre o fio de seda estrangeiro, no acto da exportação das fazendas em que foi convertido. Este mesmo systema annullou a prohibição da importação das fazendas de seda do estrangeiro, e estabeleceu uma pauta para regular os direitos que sobre ellas havião de exigir-se; e a fim de que os fabricantes tivessem tempo para disporem dos seus depositos, e prepararem-se para a competição com o estrangeiro, addiu-se a plena licença destas importações estrangeiras até d'ahi a dous annos.

Desta redução no custo da materia bruta resultou um immediato e consideravel augmento no consumo das fazendas de seda. Não houve fabrica de fição, nem tear, que não trabalhasse; e grande numero destes estabelecimentos forão construidos novos. As fabricas de fição passarão de 175 a 266, e o numero de fusos de 750,000 a 1,100,000; com tudo, não obstante este augmento de força productiva, era impossivel á fição supprir as necessidades do tear, que muitas vezes estava parado durante mezes inteiros sem poder completar as ordens recebidas.

Esta encheute viva de prosperidade teve d'encontro o terror panico que pervadiu o commercio nos fins de 1825; e como a admissão das fazendas estrangeiras começou a ter lugar n'um tempo de depressão geral, grande foi o clamor que da parte dos fabricantes nacionaes se elevou contra a facultação da importação, á qual imputavão todos os males que soffrião. Mas as difficuldades do mundo commercial desvanecerão com o tempo; e no anno de 1827 fabricou-se uma quantidade de fazendas de seda como nunca lançarão os teares Ingleses. Mas não é pelos resultados d'um só anno que se devem deduzir conclusões a estes respeitoes.

Nos dez annos precedentes a 1824 a quantidade de seda crua e fiada trabalhada nas manufacturas Inglesas somou 19,409,020 arrateis; e nos doze annos que seguirão a mudança de systema a quantidade usada nas mesmas fabricas foi de 49,983,331 arrateis. O primeiro total dá 1,940,902 — o segundo 4,164,444 arrateis por anno; e offerece esta ultima razão um augmento annual durante o ultimo citado periodo de 114 por cento.

Temos mais a notar, que não obstante a grande quantidade de fio de seda usada nos teares, a importação deste artigo de paizes estrangeiros não tem augmentado, ou antes pelo contrario tem sensivelmente diminuido. O incentivo da competição tem melhorado a um e outro ramo de manufactura. A introdução de aperfeiçoado mechanismo nas fabricas de fição tem reduzido o custo do fio á metade do que antes era; e a adopção e melhoramento dos engenhosos teares de *Jacquard* habilitarão os tecelões a fabricar artigos de *fantasia*, cuja qualidade é, com excepções de pouca monta, igual, e, em algumas fazendas, superior aos productos de França, bem que as despezas da fabricação ainda não se achão reduzidas ao que são nesse paiz.

Quando se franqueou a importação das fazendas estrangeiras, forão estas sujeitas ao direito de 30 por cento sobre seu valor. A este direito foi pouco tempo depois substituida uma pauta que bem que dizia respeito a arrateis, era de tal fórma calculada em attenção ás varias especies de fazendas que

não differia em geral dos 30 por cento sobre o valor estimativo das mesmas. Este direito de 30 por cento formava o que se julgava devia ser o *maximo* de protecção que era conveniente conceder aos fabricantes nacionaes, em todo e qualquer caso. Pondo de parte as considerações da *maxima* protecção em seus effeitos sobre consumidores e manufactores, julgou-se inconveniente adoptar escala mais alta de protecção, que forneceria vantagens ao contrabandista; e com effeito foi esta a consideração que, na gradação dos direitos da pauta, influuiu no estabelecimento do equivalente a 25 por cento sobre o valor nos direitos sobre fazendas lisas, em quanto que a tarifa mais elevada foi conservada sobre as fazendas de lavôr, que o contrabandista venderia tambem mais caro. A razão da imposição de menores direitos sobre as fazendas lisas comparadas com as fazendas de *fantasia* foi a seguinte — as ultimas, fabricadas para supprir as immediatas ordens da variavel moda, exigião prompta entrega aos compradores; em quanto que as lisas, conservando seu valor por mais longo tempo, poderião soffrer maior demora, e ficarião em mão dos contrabandistas até que se lhes apresentasse favoravel occasião para illudir a fiscalisação das Alfandegas.

Por algum tempo antes e depois da facultação dos mercados Inglezes ás fazendas estrangeiras, muitas forão as pessoas costumadas ao commercio de sedas que firmemente se persuadirão e altamente declararão que tal systema de liberdade traria consigo a inevitavel ruina dos fabricantes de seda, que restrictos a trabalhar para as classes elevadas da sociedade, e sujeitos a todos os males d'um mercado limitado, tinham sido creados no temor da competição estrangeira; no que d'algunha sorte erão confirmados pela observação dos felizes resultados de especulações de contrabando, que muitas vezes tinham envolvido as manufacturas em temporaria estagnação e constante miseria. A experiencia de poucos annos tem mostrado quão infundados erão estes temores; a redução nos preços das fazendas, facilitada pela diminuição dos direitos, e os melhoramentos das machinas, tem alargado a esphera do mercado a ponto de incluir no numero dos consumidores de sedas a maior parte da população do paiz. O estímulo da concorrência com os productos dos mercados estrangeiros, tem melhorado os artefactos, cuja qualidade não receia competir com as mais bellas produções dos teares estrangeiros.

Pôde-se asseverar em verdade que depois da liberdade da importação das fazendas de sedas estrangeiras sujeitas sómente a modicos direitos, as fabricas Inglezas soffrem muito menos da competição estrangeira, do que nos tempos da prohibição, quando o contrabando importava no paiz uma quantidade de fazendas que era mui diminuta em comparação daquella que hoje em dia legalmente se importa. Em 1810, n'uma época em que as mesmas difficuldades do contrabando erão augmentadas pela guerra, a quantidade de sedas introduzidas por contrabando era tão prejudicial aos fabricantes, que elles organisarão-se em uma associação para a repressão do contrabando. Nos annos de 1818 e 1819 forão apresentados ao Parlamento grande numero de requerimentos da parte dos fabricantes de seda de Spitalfields e Coventry, em que se queixavão desta competição illegal, asseverando que era causa de tão diminuta requisição de fazendas nacionaes que perigava a existencia das manufacturas de sedas. N'um destes requerimentos se dizia que

os tecelões que outr'ora ganhavão 6,000 réis a 8,000 rs. por semana já não recebião senão 2,000 ou 2,200.

O ultimo citado factio não era de modo algum peculiar á epocha que os requerimentos abrangião. O systema pelo qual se regulára este commercio por mais de meio seculo, tinha familiarisado o paiz com as queixas dos manufactores, que erão sujeitos, por occasião de qualquer variação na moda, a ficarem por largos tempos sem trabalho; e quando trabalhavão, o elevado jornal que recebião, não sendo acompanhado de disposições prudentes para os casos de desemprego ou diminuição de jornal, e acostumando-os á gratificação de maior numero de desejos ou necessidades, tornava-lhes a adversidade mais penosa.

Desde o anno de 1824 em que se tirárão as pêas a esta manufactura, a fabricação da seda, em todos os seus ramos, tem-se alargado a muitos districtos, e é dirigida segundo escala e principios de tal economia, que collocão os productos dos teares Inglezes ao alcance de toda a comunidade, e habilitão os fabricantes a competir em paizes estrangeiros com os productos desses paizes. O valor officialmente declarado das fazendas de seda Britannicas exportadas do Reino Unido de Grã-Bretanha e Irlanda, em cada um anno desde 1820 até 1835, é especificado na tabella seguinte, em que fizemos a redução do dinheiro Inglez a Portuguez na razão de 1 libra esterlina a 10 cruzados, e conservámos esta ultima denominação para a facilidade da mesma redução:

1820 — 3,717,550 cruz.	1828 — 2,558,700 cruz.
1821 — 3,744,730 „	1829 — 2,679,310 „
1822 — 3,817,030 „	1830 — 5,210,100 „
1823 — 3,514,090 „	1831 — 5,788,740 „
1824 — 4,425,960 „	1832 — 5,299,900 „
1825 — 2,967,360 „	1833 — 7,374,040 „
1826 — 1,688,010 „	1834 — 6,364,190 „
1827 — 2,363,440 „	1835 — 9,720,310 „

D'entre os mais notaveis effeitos do actual systema é para vêr que a Inglaterra *exporta* sedas para França n'um valor consideravel, que no anno

de 1832 somou 571,870 cruzados.
em 1833 765,250 „
em 1834 603,460 „

ou $\frac{2}{5}$ do valor total das exportações destas fazendas para toda a Europa. Os principaes consumidores dos artefactos de seda Inglezes são as Colonias d'America do Norte, as Ilhas das Indias Occidentaes, e os Estados Unidos d'America.

SOBRE MACHINAS DE VAPOR.

Os principios em que se funda a construcção das Machinas de Vapor são os seguintes.

I. Está provado que a pressão da Atmosphera sobre cada pollegada quadrada da superficie da terra é proxivamente igual a 14 $\frac{3}{4}$ arrateis; ou igual a 11 $\frac{1}{2}$ arrateis sobre cada pollegada circular; isto é: sobre um circulo cujo diametro é d'uma pollegada.

II. Tome-se uma barra de comprimento qualquer; suspenda-se esta horizontalmente em equilibrio; communique-se uma das suas extremidades com a hastea d'uma bomba, cujo embolo (*) seja solido (**) e seja

(*) Embolo; vulgarmente *nabo*.

(**) Solido; sem valvula, sem *chapeleta*.

horizontalmente por via da manivella *a*; collocada a manivella n'um sentido, ha communicação entre a caldeira *B*, e o cylindro *C*: em sentido contrario fica interceptada esta communicação. A' manivella *a* e valvula *P* chamaremos o *regulador*. O regulador trabalha de forma que nunca o ar externo communica com a caldeira ou cylindro por via sua.

O cylindro *C* é vasado internamente com toda a perfeição. Trabalha nelle um embolo *P* (*) tão ajustado (com estopas) que prohibe a entrada do ar; e para maior certeza deste ultimo objecto conserva-se sempre *sobre* o embolo *P* uma pequena porção d'agua.

A hastea do embolo *P* é suspensa d'uma cadeia da extremidade *D* d'uma alavanca que, equilibrada em *G*, tem suas extremidades terminadas em arcos de circulo afim de dar movimento perfeitamente vertical ás hasteas que dellas forem suspensas. A' extremidade *E* está connexa a cadeia *H* e a hastea da bomba que extrahia agua do fundo da mina. O contrapezo *I* faz com que este lado *EF* da alavanca *EFGD* peze consideravelmente mais que o lado *D*.

Em um ponto um pouco mais alto que o cylindro *C* está collocado o *deposito de injeccção* *L*; este deposito pode ser supprido ou por agua corrente que com elle communique, ou como na nossa gravura pelo cano *R* que lh' a subministra pela pequena bomba de pressão (**) d'agua, junto á mesma letra, que trabalha n'um deposito particular por communicação com a alavanca *G*. Do fundo do deposito d'injecção desce o cano *M* que entra na parte inferior *N* do cylindro; esta extremidade do cano *M* é terminada em forma de borrifador. A valvula *l* que é trabalhada pela manivella *O*, é denominada a *valvula de injeccção*.

Na parte opposta do cylindro e um pouco acima do seu fundo ha um tubo *V*, da forma de um *L* voltado cuja extremidade superior e exterior tem um valvula sobre a qual carrega uma pequena porção de agua para impedir a entrada do ar. A esta valvula denominaremos o *respirador*.

Do fundo do cylindro tambem procede o cano *Q* cuja extremidade inferior é revirada para cima, immersa n'um deposito d'agua, e coberta com uma valvula *v*. A este cano se dá o nome de cano de *esgoto*.

O cano que se vê communicando entre o deposito d'injecção e o topo do cylindro *C* serve para a conservação da necessaria porção d'agua em cima do embolo *P*.

Finalmente a caldeira *B* é guarnecida d'uma valvula de segurança e de duas torneiras. A valvula de segurança é uma abertura que se carrega com um pezo proporcional áquella força de vapor que a caldeira pode soffrer, e todas as vezes que este vapor tomar uma força excessiva, levantando-se o pezo, escapar-se-ha para o ar livre.

As duas torneiras, servem para indicar quando á agua e o vapor na caldeira estão em proporção conveniente; se abertas as torneiras, ambas dão vapor, a agua é pouca; se dão ambas agua, é esta em demasia; se a superior dá vapor, e a inferior agua, julga-se que ha d'uma e outra cousa as proporções convenientes.

Descritas as partes da machina passemos a demonstrar como ella trabalha.

(*) E' defeito na nossa gravura usar-se da mesma letra *P* para denotar o *regulador*, e o *embolo* do cylindro.

(**) Há varias especies de bombas; entre ellas a bomba de pressão eleva a agua á altura que se quer uma vez que a força que a trabalha seja correspondente a essa altura.

Supponhamos que a alavanca e o embolo *P* estão na situação que representa nossa gravura; e supponhamos demais fechadas as valvulas, *regulador*, e *d'injecção*; o repuxo d'agua no cylindro *C*, que a gravura representa, suppôr-se-ha por tanto não existente. A agua na caldeira suppôr-se-ha a ferver.

Abra-se o regulador *a* *P*; o vapor da caldeira introduzir-se há immediatamente no cylindro, e espalhando-se por todo seu interior misturar-se-ha com o ar que encontra. Grande porção deste vapor será condensado em agua pelo contacto com as superficies frias do embolo e paredes do cylindro; esta agua reunir-se-ha no fundo do cylindro e escoará pela valvula *d'esgoto* *v*. Esta perda de vapor durará em quanto que o cylindro e embolo não participarem do calor d'agua a ferver. Quando isto se realisa o vapor começa a sahir pelo *respirador* *V*, ao começo vagarosamente e com apparencia turva pela mistura d'ar que contem; subsequentemente com violencia e transparente, tendo expulso todo o ar que existia no interior do cylindro.

Quando a corrente de vapor pelo respirador é violenta e constante, e a caldeira contem vapor de força sufficiente, (o que é indicado por sua descarga pela valvula de *segurança*, que não se abrija quanto que o cylindro se enchia;) fecha-se o regulador *P*, e abre-se a valvula de injeccção *O* *i*. A pressão da agua no deposito *L* força a agua pelo cano *M*, e esta salta em repuxo de borrifador no interior do cylindro, (como representa a gravura) pela terminação do tubo em *N*; o resultado é a condensação do vapor, e a formação d'um vacuo parcial na parte inferior do cylindro.

A parte superior do embolo *P* fica agora exposta a toda a pressão atmospherica, a qual não sendo equilibrada por força interior, obrigará o embolo a descer com violencia até ao fundo do cylindro. A hastea da bomba da mina elevar-se-ha portanto com a extremidade *E* da alavanca, — com tanto que o contrapezo *I* não seja demasiado.

Quando o embolo *P* toca no fundo do cylindro fecha-se a valvula de injeccção *O* *i*, e abre-se o regulador *a* *P*. O Vapor que se tem accumulado superiormente á agua na caldeira está a este tempo indicando sua força pela valvula de segurança; e logo que encontra facilidade de descarga pelo regulador, rompe com violencia para dentro do cylindro, donde, tendo uma elasticidade maior que a do ar, expelle aquelle que se tinha introduzido com a agua de injeccção, pelo respirador. Ao mesmo tempo, a agua de injeccção, e o vapor condensado, descarregão-se pelo tubo *Q*, e levantando a valvula *v*, entrão para o deposito desta.

A introduccção de vapor inferiormente ao embolo equilibra a pressão atmospherica na parte superior do mesmo; o embolo tem portanto a liberdade de descer ou subir.

Mas, como dissemos, o aparelho suspenso em *E*, é mais pesado que aquelle que se acha suspenso em *D*; elevar-se-ha, pois, o embolo *P* pela descida do contrapezo e bomba *I*; e tornará o embolo a descer pela pressão atmospherica logo que por sua parte inferior se formar vacuo, pelo modo que referimos. Desta sorte repete-se a operação; o embolo *P* cedendo a pressão do ar desce até ao fundo do cylindro, e eleva a extremidade *E* da alavanca com tudo o que lhe está suspenso; e por outro lado, logo que a pressão atmospherica é equilibrada pelo vapor inferiormente ao embolo, o pezo maior da extremidade *EF* que desce, eleva o embolo.

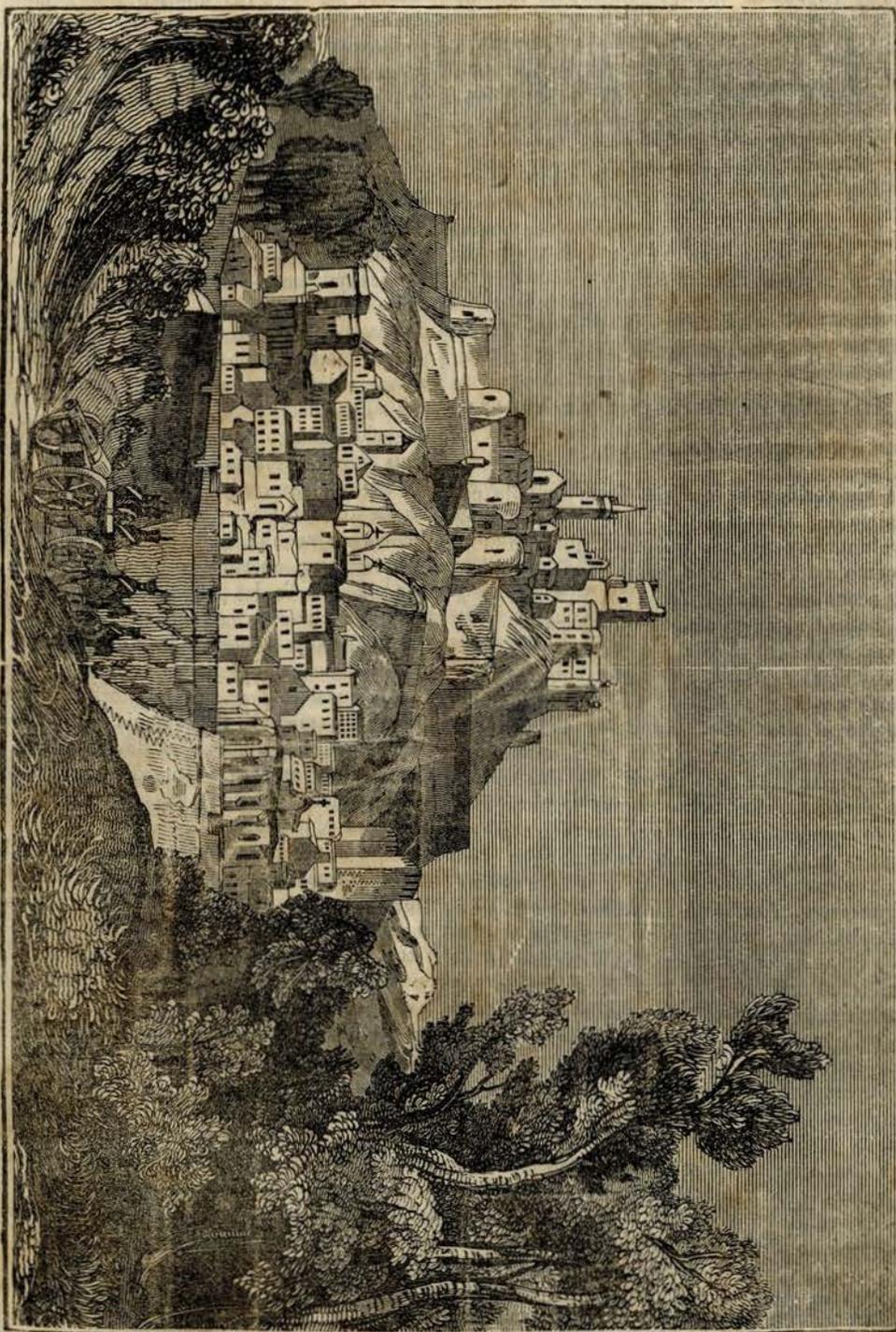
Assim, a machina de Newcomen eleva agua sómente pela pressão atmospherica; e o vapor não

serve senão de meio expedito para a formação d'um vacuo, em que a pressão atmospherica força o primeiro movel da Machina.

Nesta especie de machinas não ha necessidade de elevada, e portanto perigosa, elasticidade de vapor; e deste modo o consumo de combustivel é mediocre. Não há limites ao esforço da machina, porque por profunda que seja uma mina, pode empregar-se um cylindro de tão consideravel diametro que a pressão atmospherica sobre seu embolo seja capaz de ven-

cer o pezo da columna d'agua que se pertende elevar. E' de mais susceptivel esta construcção de applicação a qualquer objecto mechanico, porque é facil de conseguir que o movimento alternado da alavanca dê impulsão a movimentos em qualquer direcção que se queira.

Tem comtudo esta machina muitos e consideraveis defeitos; mas somos obrigados a referir a continuação deste objecto ao nosso seguinte numero.



VISTA D'ESTREMÔZ.

ESTREMÔZ.

Na provincia de Alemtejo, e no Arcebisado de Evora, 6 leguas ao Nordeste desta cidade, $2\frac{1}{2}$ a Noroeste de Villa-viçosa, tem seu assento a notavel villa d'Estremôz. Sua origem, como villa, data dos tempos de D. Affonso 3.º, que lhe deu os fo-

ros de Santarem, tirando-lhe a jugada, e em 1258 a engrandeceu com um forte castello, em cuja torre de menagem assentou el-rei D. Diniz seu paço, e onde morreu a Rainha Santa Isabel. Nos começos de sua fundação limitava-se a villa ao monte em que este castello foi edificado; mas no decurso dos tempos se foi alargando para a planicie que lhe fica ao Norte. Nas antigas Côrtes de Portugal tinha Estremôz assento no banco 3.º

Em tempos posteriores ás suas antigas fortificações foi esta villa cercada de muralhas á moderna, com seus baluartes e cortinas; e tempo houve em que era considerada a chave do Alemtejo. Hoje em dia sua importancia militar cedeu a primazia a Elvas e seus Fortes.

Floreceu outr'ora Estremôz em fabricas de pannos, que julgamos, caducárão. E' com tudo ainda conhecida por sua longa de barro, tão excellente na conservação d'agua pura e fresca. Nas suas visinhanças ha pedreiras d'excelentes marmores e jaspes, e em Lisboa se encontrão muitos edificios de renome nacional edificadros de marmore d'Estremôz.

A população d'Estremôz não passará de 6000 a 7000 pessoas. As egrejas de suas 3 freguezias erão todas Priorados da Ordem Militar de Aviz. Abundava em conventos, — que hoje provavelmente são, na maior parte, ruínas.

As armas d'Estremôz são da classe a que os peritos na arte do brazão chamão *parlantes*, *fallantes* &c. — porque indicão a etymologia do seu nome. A arvore de tremoços que se vê em seu escudo dizem conferira nome a Estremôz.

II.

ESBOÇO HISTÓRICO DA REPUBLICA DE VENEZA.

(Concluido do N.º 4.)

VENEZA viu verificar-se em seu favor aquella celebre maxima de Machiavelli: "que os povos se sujeitão voluntariamente aos governos que tratão os vencidos como amigos, e não como inimigos.", A ordem, a economia, a prudência, a justiça, e a equidade, bases fundamentaes da republica de Veneza em sua politica exterior, moverão varias cidades e provincias de Italia que occupavão o espaço situado entre o mar e os Alpes, a submeter-se espontaneamente ás suas leis, unindo-se d'esta sorte com os virtuosos descendentes dos seus antepassados, que, refugiando-se nas lagoas, se estabelecerão e multiplicarão n'ellas havia alguns seculos. Foi então que os Venezianos desenvolvêrão todo o poder da sua politica para tirar partido da disposição dos animos e das circumstancias que erão tão propicias aos seus interesses. Assim pois, valendo-se da persuasão, do dinheiro, ou da força, segundo o exigia o caso, forão-se engrandecendo no continente, e nos principios do seculo XVI, já se dilatavão as suas aquisições ao longo do mar desde Ravena até Trieste; e pelo centro forão-se fazendo senhores de todo o paiz que ha entre o mar, os Alpes, e o Pó, extendendo-se na Lombardia pelas margens do Ad-da, e occupando ainda da outra parte do Pó varias praças na Romania e na Pullia. Porem, se é certo que a dita é muitas vezes o galardão da virtude e do valor, não o é menos que quasi sempre é occasião de rancores e invejas. Com effeito, os principes que então dividião o imperio da Italia, e entre outros o papa, invejosos do poderio de Veneza, preparárão os grandes e ruidosos successos que forão a origem da famosa liga de Cambrai.

Muito commum é vermos os beneficios pagos com odio e má vontade, justamente porque as almas mesquinhas considerão como uma humilhação o serem devedoras d'um favor. Julio II, que devia a sua elevação ao pontificado aos favores de Cesar Borgia e dos Venezianos, encerrou o primeiro n'uma prisão, exigindo-lhe por resgate a cessão dos seus estados e dos seus direitos, e tratou de tirar aos segundos tudo o que possuíão na Romania. Facil lhe

foi conseguir o primeiro; irritado porem de ver baldadas as suas esperanças na segunda parte, sem considerar as consequencias que poderia trazer uma invasão estrangeira na Italia, só deu ouvidos ao rancoroso desejo de humilhar aquelles que o tinham exaltado, e empregou todo o seu credito, toda a sua influencia e astucia em persuadir á Hespanha, á França, á Allemanha e a todos os principes da Italia a que se ligassem com elle contra Veneza. Taes foram a origem e a formação d'aquella formidavel aliança, que foi assignada em Cambrai a 10 de dezembro de 1508, e que por um escandaloso abuso tambem se chamou *santa*. A's armas de tantos e tão poderosos principes ajuntou as suas o papa com a excomunhão que fulminou contra o governo veneziano, quando viu que se dispunha a defender-se. A Europa viu com admiração aquella republica, resistir com vigor a todos os esforços dirigidos contra ella, repellindo a força com a força, e os raios do Vaticano com a prudencia e circunspeção. O imperador Maximilião fazia o cerco de Pádua com cem mil homens. Luiz XII, rei de França, commandava pessoalmente seu exercito com o qual tinha penetrado até a Lombardia. As tropas hespanholas, as do papa e mais principes italianos occupavão varios pontos no territorio da republica. O exercito veneziano, derrotado no Adda, retirava-se sobre a capital; quasi toda a terra firme estava occupada pelo inimigo; porem o amor dos povos, que é o mais seguro e mais precioso recurso dos governos na adversidade, não era extincto. A fidelidade de Pádua e de Treviso, a ansia geral de voltar á obediencia da republica, a sabia previsão dos que a dirigião, a sua energia, e promptidão em tirar partido da affeição das provincias, sua firmeza e patriotismo a salvárão e fizêrão sair mais brilhante d'entre as mesmas adversidades que pozêrão á prova sua constancia, valor e poder. Pouco tempo depois recobrou quasi todo o seu territorio, salvou algumas praças e a metade da Romania, que teve que ceder ao papa para acalmar a ira da santa sé, e alcançar que lhe alevantasse o interdicto e a excomunião, que naquelles tempos causava grande espanto aos principes christãos.

Feita a paz no exterior, e restabelecida a ordem nos negocios domesticos, a republica se dedicou com especialidade a aformosear a capital, pois justamente n'aquelle tempo brilharão os Ticianos, Tintoretos, Scarpaguinos, Sansovinos, San Michelis, e outros pintores e architectos da mais alta celebridade. Com tal esplendor gozava n'aquelle seculo dos frutos da sua sabedoria e opulencia respeitadas pela opinião geral, que Henrique IV rei de França solicitou e obteve o titulo de patricio de Veneza, honra desejada pelos pontífices e por outros muitos principes. E' certo tambem que aquelle monarcha se fez merecedor d'esta distincção pelos serviços que, por meio do cardeal Joyeuse, prestou á republica, arranjan-do suas notorias differenças com o papa Paulo V, sem menoscabo e desdouro da autoridade temporal.

No tempo d'aquelle pontífice renovou-se a antiga controversia sobre a jurisdicção civil e ecclesiastica, que tanto sangue tinha já custado á Europa. O senado de Veneza entrou na luta, mandando que não se levassem a effeito as novas fundações de conventos e ordens monasticas que se tinham feito sem a sua intervenção ou permisso, nos estados da republica, e prohibindo a alienação de bens raizes em regra geral, sem distincção de que fossem ecclesiasticos ou seculares. Ao mesmo tempo deu ordem de prisão contra um cônego e outro clérigo, reos de

homicídio e de roubo, deferindo o conhecimento da causa á justiça secular. Reclamou o papa, insistiu o senado; acceudem-se os animos, e sae de Roma excomunhão contra o doge, e interdito em toda a república. O senado protestou contra esta monitoria prohibindo ao mesmo tempo que se publicasse nos estados da república. Foi então que a animosidade dos partidos se desafogou com um grande numero de escritos. Os capuchos, teatinos, e jesuitas forão os unicos que obedecerão ao interdito; porem o senado firme nas suas resoluções, os mandou embarcar para Roma, desterrando para sempre os jesuitas. Já se fazião por ambas as partes grandes preparativos de guerra, quando o monarca francez, sollicitado pelo papa por não se julgar com bastantes forças para sustentar-se n'uma causa na qual parecia que devião interessar-se todos os principes, abriu negociações por meio dos seus embaixadores em Roma e Veneza, e as terminou em 1607. Os Venezianos concederão a entrada aos frades expulsos menos aos jesuitas. O escritor que melhor sustentou o partido de Veneza n'esta luta, foi o famoso servita Fra-Paolo de Sarpi, filho illustre da mesma república, e que alguns annos depois escreveu a celebre historia do concilio de Trento. O seu valor esteve a ponto de lhe custar a vida, pois não tendo feito caso da excomunhão que o papa fulminou contra elle, foi um dia acommettido por cinco assassinos que o deixarão por morto com quinze punhaladas. O senado e a república manifestarão n'esta occasião quanto se interessavão pelo sabio canonista e filosofo. Todos os dias até que curou das feridas, se publicava n'um boletim o estado da sua saude; deu-se-lhe depois uma guarda para sua pessoa, prometterão-se grandes premios a quem descubrisse os assassinos, e cirurgião que o assistiu e curou foi nomeado cavalleiro. A este tempo é que se refere, segundo os historiadores, uma conspiração com a qual se suppoem que dous senhores hespanhoes, o duque de Osuna, vice-rei de Napoles, e o marquez de Bedmar D. Affonso de la Cueva, embaixador de Filipe III em Veneza, servindo a um mesmo tempo as vistas da sua propria ambição e as do gabinete de Madrid, ameaçarão a independencia da república. Outros sustentão que o governo hespanhol não teve parte nenhuma n'esta trama. O certo é que a existencia da conspiração foi real e verdadeira na opinião publica, e que o senado facilitou secretamente a fuga de Bedmar, a quem o povo ameaçava de morte. Os escritores modernos, apoiados em provas e raciocinios de muito pezo, fazem mui duvidosa a existencia d'esta conspiração, e alguns a attribuem a um artificio dos Venezianos dirigido pelo habil Fra-Paolo para se verem livres do marquez de Bedmar, cuja presença não lhes agradava. Segundo isto não é invenção moderna ostentar conspirações, para fazê-las servir de pretexto a vistas particulares.

Os Turcos, senhores já de Constantinopola inquietavão por aquelle tempo os estabelecimentos da república no Oriente. As guerras, os incendios, as devastações e estragos se succedião com espantosa celeridade. Os Venezianos com as suas armas e politica resistião esforçadamente. A patria era fecunda em heroes, que tanto nos revezes como na victoria, sempre se coroavão de gloria. Nos fins do seculo XV a república já tinha perdido quasi toda a Merea, porem ao mesmo tempo recuperava o reino de Chipre. E' verdade que o perdéra em 1571, mas foi depois da mais gloriosa resistencia. Então fizeram prodigios de valor o celebre Marco Antonio Bragadino, intrepido defensor de Famagosta, e um grande numero de esforçadissimos cavalleiros: façanhas

dignas d'outra recompensa bem diversa da que foi dado pelo barbaro Mustafá, que depois d'entrar na praça debaixo d'uma honrosa e solenne capitulação, a violou atrozmente matando á força de tormentos os principaes chefes christãos, e esfolando vivo ao infeliz Marco Antonio para encher a sua pelle com palha, e leva-la dependurada no tope da sua capitana nas correrias que fez em seguida pelas costas de Syria e Egypto. Aquelle mesmo anno a victoria de Lepanto restituiu n'um dia ao pavilhão veneziano todo o seu antigo esplendor, triunfando ás ordens de D. João de Austria em união com os Hespanhoes, e fez esquecer os grandes golpes que a república havia recebido. No de 1669 foi preciso ceder tambem a ilha de Creta; porem esta perda não se verificou senão depois d'uma defeza de 25 annos, cuja gloria excitou a inveja e a emulação dos paladins, e a admiração do universo: guerra para sempre memoravel pelos muitissimos exemplos de valor que derão os Venezianos, e entre os quaes merece citar-se o do insigne Thomaz Morosini, que com um navio só se defendeu contra quarenta e cinco galeas turcas. N'esta mesma guerra de Candia perderão os Turcos 120,000 homens, e os Venezianos mais de 30,000. Houve praça que defendida pelo grande Francisco Morosini, chamado depois o *Peloponesiaco*, resistiu a mais de 50 assaltos, sustentou 40 combates subterraneos, e fez voar pelos ares 500 vezes as minas dos sitiadores. A república, sempre grande e magnanima, ainda nos maiores apuros e desastres, só cedia á força; bem podia ter os seus temores, porem nunca se mostrava abatida, e de seu seio renascião sem cessar exercitos e esquadras, guerreiros e heroes.

As façanhas do Peloponesiaco forão os ultimos esforços do poder dos dominadores do Adriático, pois no anno de 1718, Veneza teve que assignar em Passarowitz uma paz humilhante, cedendo aos Turcos tudo o que Morosini havia reconquistado com tanta gloria. Por este tempo começou o governo veneziano a dar evidentes provas de que caducava. Já havia dous seculos que se tinha mudado a face do globo. O descobrimento do cabo de Boa-Esperança pelo immortal portuguez D. Vasco da Gama e da America havião aberto no seculo XVI novos rumos ao commercio; a Italia que até então tinha sido sempre um ponto central, deixou de o ser; Portugal, Hespanha, Hollanda, França e Inglaterra a poderãõ-se dos mares, das terras, e dos meios que se acabavão de descobrir. Veneza, que pelo espaço de tantos seculos havia fornecido a estas nações os productos da Asia e Africa, viu-se obrigada a receber-las d'aquelles mesmos povos, e longe de conservar a navegação quasi exclusiva do Archipelago e do Mediterraneo, viu-se na necessidade de deixar em 1577 ao pavilhão inglez, e em 1598 ao hollandez, ondear livremente nos mares que banhão as costas da Turquia, cujo imperio se tinha dilatado consideravelmente nas tres partes do antigo mundo. O sistema politico dos estados europeos, a arte da guerra, a navegação, as finanças, a instrucção publica, a industria, os diversos ramos da civilisação, tudo (para o dizer d'uma vez) tudo experimentou uma mudança essencial depois do seculo XV; só Veneza era a unica potencia que ainda conservava os seus antigos usos.

O governo veneziano errou em não fazer depois da paz de Passarowitz uma reforma para lhe dar um novo impulso e um espirito mais conforme ao caracter e á illustração do século. Bem conhecia a república esta necessidade; porem a tranquillidade de que gozava foi a causa de que se esquecessem que ella poderia alterar-se algum dia com grave perigo do

mesmo estado. O longo repouso da Porta Otomana sumia na inacção as esquadras da republica; a lealdade da Austria, a delibidade dos principes italianos, e a impotencia das censuras ecclesiasticas, fizeram com que se abandonasse a fortificação das praças, a artilheria e a infantaria. Quantas vezes acontece que uma longa paz destrua os meios de fazer a guerra!

Ainda podia contar Veneza nos ultimos periodos da sua existencia com bastantes forças, e alguns homems capazes de as utilizar. A sua população passava de tres milhões, e conservava o amor dos povos, varias fortalezas, um exercito respeitavel, forças navaes e uma renda annual de seis milhões e meio de ducados de prata, que fazem mais de dez milhões de cruzados. A sua capital, que a natureza tinha feito inaccessible ao inimigo, estava defendida nas lagoas que a rodeão por duzentos navios de guerra de toda a especie, tripulados por 8400 combatentes, e armados com 750 peças de artilheria. Seu arsenal estava abundantemente provido de toda sorte de pertrechos. A subsistencia da tropa, das tripulações e dos habitantes estava assegurada em grande copia de mantimentos e por meio das communicações maritimas. Cento e quarenta mil cidadãos podião apresentar em caso necessario vinte mil soldados para a defeza da patria. Porem no meio de tudo isto o governo carecia d'aquella energia necessaria para reunir, dispôr e manejar utilmente taes recursos, e para adoptar medidas proporcionadas ao arduo das circumstancias. Uma enganadora esperanza de tranquillidade manteve os Venezianos na inacção, determinando-os a não tomar parte na guerra que se tinha acceso entre a Austria e a França, e que devorava a Italia em 1796. Com esta conducta merecêrão o desprezo das outras nações, e virão-se obrigados a soffrer a sorte reservada aquelles que não tem meios de defeza ou talento para os empregar. O exercito francez occupou uma parte do territorio veneziano. O governo com a timidez ou com a incerteza das suas disposições, deu mais audacia aos Francezes, e finalmente o grande conselho da republica legitimou a conducta hostil do exercito invasor pela abdicção que adoptou no dia 12 de maio de 1797, e sem lançar mão das forças e dos recursos que ainda tinha a sua disposição, entregou aos Francezes por este acto de pusillanidade a capital e todo o estado, ficando estes senhores d'elle por direito de conquista.

Tal foi o triste fim d'uma republica que contava quatorze seculos de existencia, que havia merecido o respeito e a admiração dos soberanos da terra, não menos que o amor dos seus subditos e que havia sido rainha do Adriatico, senhora dos mares, e mãe de tantos heroes. A recordações da sua historia, e os monumentos da sua capital são ainda hoje um objecto digno de excitar a admiração dos homems; e uma vez que a prosperidade das nações sempre é resultado da sabedoria das suas leis e da boa ordem da administração politica, não será difficultoso encontrar nas preciosas reliquias que dão testemunho da antiga prosperidade de Veneza, e na historia do seu governo, as relações que enlaçam as causas com os effeitos.

II

CONTINUAÇÃO DOS COSMETICOS.

Tratamento da Boca.

No numero anterior tratamos dos Cosmeticos; vamos dizer agora alguma cousa acerca da limpeza da boca; começando pelos dentes, e apresentando para a sua conservação o seguinte aphorismo.

Dentes bons e sãos são absolutamente necessários para a saúde, para a belleza, e para articular distinctamente as palavras.

A saúde depende em grande maneira de dentes que sejam bons e sãos: bons para a perfeita mastigação do alimento, requisito necessario para uma perfeita digestão; e sãos, para que as substancias alimenticias não sejam impregnadas com uma se creção nociva. As inscrustações tartareas, e as particulares de alimento conservadas nos intersticios dos dentes, causão dores de dentes e atacão as gengivas. Um alento fétido procede geralmente de dentes pouco limpos, independentemente do estomago e outras partes; e como o ar que respiramos passa necessariamente pela boca, poem-se em contacto com um ar fétido, que atacando os bofes, ataca toda a constituição.

A belleza está altamente interessada na conservação dos dentes, porque alem da sua belleza particular sendo bem cortados, iguaes, e brancos, contribuem para maior realce da formosura da cara.

Quando os dentes começam a faltar, os labios e as faces privados d'aquelle apoio natural, caem, e a cara se arruga, e acaba por apresentar a desagradavel imagem d'uma prematura decrepitude.

Esta boa collocção dos dentes contribue muitissimo para a belleza: quanto mais parallellos estejão os dentes incisores mais bello é o effeito que produzem no rosto humano.

Isto pode sómente conseguir-se durante a segunda dentição; por conseguinte n'aquella periodo deve examinar frequentemente a boca um dentista habil. Tambem mais tarde a arte pode corrigir alguma falta da natureza, e offerecer recursos que não deve desprezar a mulher que estima a sua formosura.

O bom estado dos dentes é necessario para a formação da voz e a articulação das palavras. Qualquer falta que houver no arco dental é sempre nociva para os cantores e oradores. Quando falta um ou mais dentes, em lugar d'uma pronunciação clara, ouve-se uma especie de assovio que incommoda e causa; comprimidas então violentamente as glandulas sublinguaes, fazem com que ás vezes a saliva saia da boca com demasiada força.

Causas que contribuem para estragar os Dentes.

A pratica de quebrar caroços de frutas, nozes, avelãs, poem os dentes em perigo de se quebrarem ou abalarem. As senhoras devem ter presente que o cortar com os dentes a linha ou retroz gasta o esmalte, e pode produzir dores de dentes.

Quando só se faz uso dos dentes d'um lado para a mustigação, os do lado inactivo correm mais risco de criarem tartaro, e decairem.

A comida ou a bebida demasiadamente quente ou fria é nociva para os dentes e deve-se evitar com cuidado não beber nada frio depois de tomar o caldo ou a sopa.

O uso dos licores fermentados e das especiarias é prejudicial. — O uso de palitos de metal, especialmente alfinetes, é perigoso. O costume de fazer passar o ar pelos intersticios dos dentes com a lingua, alem de ser reprovado entre pessoas de boa educação, estraga os dentes muito de pressa.

Convem limpar pela manhã a lingua para que não transmita uma mucosidade alvadia aos dentes, e acabe por minar os dentes e as gengivas.

O estar deitado sempre na cama d'um mesmo lado contribue para que no mesmo lado da boca se accumule o tartaro ou sarro.

Limpeza dos Dentes.

Uma boca com dentes brancos, pequenos, regu-

lares e bem formados é um precioso dom da natureza; e causa pena o ver que muitas vezes se estragão por incuria e falta de limpeza.

Antes de tudo convem não deixar que chegue a formar-se o tartaro, tirando com cuidado as particulas depositadas nos dentes. Isto é facil e não dispendioso, porque os melhores dentrificios compoem-se de substancias simples e communs.

Para evitar a deposição do tartaro deve-se mastigar por ambos os lados e com todos os dentes a um mesmo tempo. Depois de comer é necessario lavar a boca com agua morna, tirando cuidadosamente e com um palito proprio todas as particulas de alimento depositadas entre os dentes.

Por modo nenhum se deve consentir em servirem-se de alfinetes, agulhas, garfos, &c. em lugar de palitos, porque corroem os dentes e destroem as gengivas.

Os palitos do nosso paiz são bons, e na falta d'elles uma penna nova de escrever que não tenha a ponta muito aguda.

Todas as noites ao tempo de ir para a cama, e todas as manhãs depois de sair d'ella è indispensavel lavar a boca, porque a concreção que se deposita nos dentes pela noite, e que é o residuo da saliva evaporada, se endurece passadas poucas horas, e não é facil depois de tirar com os pós dentificios.

Pós para os Dentes.

Nem sempre é bastante a agua pura para dar aos dentes aquelle brilho que diariamente perdem com o sedimento dos alimentos. Convem por tanto fazer uso d'algum dentificio simples, eficaz, e innocente, e n'este caso nenhum melhor para pôr brancos os dentes como o carvão vegetal. Esta substancia possui a propriedade de conter a putrefacção, razão pela qual é utilissima para os dentes: alem d'isso destroe o máo estado das gengivas, as limpa, e corrige uma das causas do mau halito. Por todos estes motivos o carvão reduzido a pó é o melhor dentificio. Vamos dar agora as receitas promettidas no numero anterior.

1.^a

- Carvão, em pó finissimo..... 1 onça
- Assucar..... 1 dito
- Oleo essencial de cravo..... 3 gotas.

2.^a

- Carvão, bem pisado..... 1 onça
- Quina vermelha..... 1 dito
- Assucar em pó..... 4 dracmas
- Oleo essencial de hortelã..... 4 gotas.

Não falta quem diga, que como todos os pós que se compoem de particulas duras angulares e obrão por trituração devem regeitar-se, o carvão entra n'esta classe. Alem d'isso introduze-se entre os dentes e as gengivas e apresenta um circulo liquido que destroe a côr de rosa, um dos caracteres da saude e da belleza.

Para evitar estes inconvenientes daremos aqui outra receita composta de ingredientes agradaveis ao paladar, livres de acidos, reduzidos a pó impalpavel, que se podem usar com a maior confiança, e proprios para limpar e alvejar os dentes.

- Bolo Armenio..... uma onça.
- Siba..... uma onça.
- Lirio Florentino..... uma onça.
- Myrrha..... meia onça.
- Canella..... meia onça.

Tudo em pó fino misture-se exactamente.

No caso porem de haver limado os dentes, ou substituido a perda d'alguns d'estes orgãos com ou-

tros posticos, em lugar do bolo Armenio deve-se pôr cal preparada *Cretae praepar.*

Escovinhas para os Dentes.

Devem ser elasticas e moderadamente duras no tecido com o pelo algum tanto separado para que possa penetrar nos intersticios: porem se são demasiadamente duras podem destruir o esmalte.

Depois de lavar bem a boca com agua morna, molha-se a escovinha, toma-se com a mesma uma pouco dos pós preparados, e esfregão se os dentes para baixo e para cima, tendo presente que a fricção, não sendo demasiadamente violenta, é util para as gengivas.

Finalmente lave-se a escovinha e applique-se novamente aos dentes com agua sómente, enxaguando depois de tudo a boca.

Operações do Dentista.

Apezar de todas as precauções acima marcadas, o tartaro chega a criar-se nos dentes, e em tal caso é mister empregar outros meios; pois é causa que das gengivas se desprendão materias purulentas, debilita os dentes introduzindo-se por debaixo das gengivas, causa um alento desagradavel, e amiudo outros mais serios accidentes, como ulceras, &c. Acontece frequentemente, e especialmente depois d'uma doença, e apezar da maior limpeza, que os dentes se poem amarellos e cubertos de tartaro. N'estes casos é preciso valer-se d'um dentista habil para raspar aquella capa tartarea.

A cura das doenças que atacam as gengivas e os dentes pertence aos medicos; mas quando se trata de tirar um dente ou de pôr outro no seu lugar deve empregar-se um dentista, procurando que seja homem pratico, e, sendo possivel, que tenha feito o estudo anatomico da boca.

As pessoas que gozão de boa saude e que desejão conservar limpa a sua dentadura, alem do tratamento indicado, devem chamar um dentista de seis em seis mezes; e de tres as que tem padecido alguma molestia particular ou geral.

O verão é a estação melhor para as operações dentaes; no tempo frio é preciso ter maior cautella.

As Gengivas.

Para que ellas sejam bellas devem ser firmes, vermelhas, e entesadas á roda dos dentes.

Todos os accidentes aos quaes estão sujeitos os dentes tem uma acção directa e poderosa sobre as gengivas que corroem e destroem. Então perdem sua regularidade, frescura, lustre e pureza, e não tem vigor bastante para sustentar os dentes nas suas covas.

A falta de limpeza destroe a sua fortaleza e frescura, encolhem-se, despedem um cheiro fétido, e os dentes caem brevemente.

O Halito.

Dentes sujos e amarellos cubertos de sarro alem de serem nojentos á vista, communicão effluvios fétidos ao bafio.

O bello sexo deve pôr a maior atenução em evitar uma calamidade tão terrivel; em vão a mais linda cara, com o mais agradavel sorriso, procura conservar o amor que inspirava algum dia; se um halito traidor e repugnante sae da sua boca, a illusão desaparece, e ao prazer succede um desgosto mal encuberto. Um alento corrupto é tão fatal para o amor como para a amizade.

Uma extremada limpeza de dentes e de boca, uma vida regular, não levantar-se tarde da cama, e alimentos saos, são os melhores preservativos da pureza do halito.

A Língua, a Garganta, &c.

Na lingua das pessoas valetudinarias existe ás vezes uma especie de substancia mucosa que se deve tirar, porque cobre e destroe a delicadeza das *papillas* ou pequenas eminencias que são os órgãos do gosto, e alem disso pôde ser prejudicial.

Convem gargarrizar todas as manhãs a garganta com agua fresca.

Se o halito fôr desagradavel, e houver certeza que não procede dos dentes, é prova que o estomago não está limpo, ou que vem dos bofes. No primeiro caso é indispensavel attender aos órgãos digestivos; o segundo requer o auxilio d'um medico.

E' preciso sobre tudo ter presente, que os dentes não podem continuar sãos, com máos alimentos, ou com uma má digestão.

As mulheres Gregas costumavão trazer um raminho de murta na boea; e ainda hoje as senhoras Romanas tem uma paixão decidida pela murta; porem não é bom o uso dos masticatorios: e a pura suavidade que resulta da saude e da limpeza é mil vezes mais deliciosa do que todos os perfumes artificiaes das gommias medicinaes.

RECEITAS.

Azeite para os Relogios.

Ponha-se uma quantidade de azeite — duas terças partes do melhor e mais puro que houver, e uma terça parte de oleo de amendoas doces — dentro d'uma garrafinha, com duas ou tres vezes tanta agua, de sorte que a garrafinha esteja meio cheia. Sacuda-se o vidrinho vivamente por um ou dois minutos, tire-se a rolha, e bote-se fora com cuidado a agua sómente. D'esta arte o azeite deve ser lavado cinco ou seis vezes. Depois de tirar a ultima quantidade de agua, o que fica é uma mistura de agua, azeite, e mucilagem. Para separar estas tres partes uma d'outra, ponha-se o vidrinho em agua quente por tres ou quatro minutos, e a maior parte da agua descerá ao fundo, devendo extrahir-se pelo methodo indicado.

Depois d'isto o azeite deve passar a outro vidrinho mais pequeno, e depois d'estar quasi cheio, ser bem tapado e guardado n'um sitio fresco, onde ha de estar sem ser movido tres ou quatro mezes, ou até que toda a agua tenha ido para o fundo, e a mucilagem para o alto d'ella, ficando o azeite, perfeitamente transparente, nadando sobre o alto da mucilagem. Quando o tempo tiver assim completado a operação, o azeite puro deve passar a vidrinhos muito mais pequeninos, e conservados em lugar fresco, bem tapados para que não esteja em contacto com o ar.

Um chronometro que foi para a India, e que veio outra vez a Inglaterra, depois de dezaseis mezes d'um uso constante, oscillava ou movia-se tão livremente como no primeiro dia; o azeite preparado como fica dito, estava ainda excellente; e todos os outros experimentos feitos com o azeite purificado por este modo derão resultados igualmente satisfatorios.

Para fazer massa de Corno.

Para um arratel de cinzas de lenha accrescentem-se dous arrateis de cal, e ponha-se tudo em meia canada de agua. Faça-se ferver isto até ficar reduzido a uma terça parte. Então metta-se na composi-

ção uma penna, e se ao tempo de a retirar lhe cair a pennugem ou as barbas é uma prova de que ferveu bastante; se não, deixae-a ferver um pouco mais. Quando arrefecer, filtre-se, e na parte coada botem-se raspaduras de corno. Estas deverão estar de molho tres dias, e depois, untando previamente as mãos com azeite, faça-se uma massa com o corno dando-lhe a figura que se quizer nos moldes preparados para o caso.

Para fazer Moldes de Corno.

Pôde-se tomar a impressão d'uma moeda, medalha &c. untando-a primeiramente com azeite, e pondo depois sobre ella as rapaduras de corno reduzidas a massa, segundo fica dito na receita anterior. Estando secca a impressão tomada, poderá servir de molde, para reproduzir em gesso, com colla de peixe, e casca de ovos bem pisada, a exacta semelhança de uma moeda ou medalha.

O primeiro que inventou nomes para designar os diferentes partidos politicos, fez um dom funesto ao genero humano.

CORRESPONDENCIA.

Palitos de accender por fricção.

Ao Redactor do Museu Portuense: — No n.º 4 do Museu vejo que o seu correspondente F. C. não pôde effectuar a operação dos palitos d'accender por fricção: é por tanto do meu dever declarar que se elle seguir exactamente a receita, a operação só pôderia falhar em dois casos, e vem a ser: — O não se accenderem os palitos por causa da composição ficar mui dura, ou mui molle, ou por se deixar secar pouco; o 1.º caso procede da gomma ser mui grossa, e o 2.º de ser diluida de mais, ou ambos, de se lançar gomma de mais, de modo que a pasta fica não em consistencia de papas espessas, mas sim na de borra: no 1.º caso, e nesta ultima circumstancia, a pasta pega-se de mais ao enxofre do palito e depois de secca as moleculas unem-se de tal modo entre si e ao enxofre que o todo se torna um corpo d'uma dureza extraordinaria, e só pelo attrito d'um ferro aspero se pode incendiar o palito; no 2.º caso não ficão as moleculas ligadas entre si e o enxofre com a necessaria força, e por isso com o mais leve attrito se destacão sem produzirem o desejado effeito; alem disto os palitos devem ser enxofrados no enxofre reduzido a pasta com a gomma (e em pequena quantidade); d'outro modo com a mais ligeira fricção se destacará do palito toda a massa sem produzir effeito. Estes inconvenientes porem só a pratica pôde remediar: e não sei que outros podessem occorrer, executando-se com exactidão a receita publicada; entretanto se outros se encontrão deve o seu correspondente communicar-las circumstanciadamente, ou procurar-me na rua de * para ver praticar toda a operação, e deste modo habilitar-se para pôr em pratica a receita sem difficuldade.

* Julgamos dever occultar a publicação da morada do nosso correspondente, que nas circumstancias acima referidas communicaremos ao Sr. F. C., quando elle assim o exigir.

(Os Redactores)